

## PAULO FREIRE: UM REFERENCIAL PARA A CULTURA DE PAZ

Marcio Adriano Cardoso<sup>1</sup>  
Karine Quadros da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca enfatizar a importância e a atualidade de Paulo Freire como referencial fundamental para a construção de uma educação para a cultura de paz. Ao defender a educação baseada na conscientização, na colaboração, na participação e na responsabilidade social e política dos sujeitos envolvidos, Paulo Freire renega a visão tradicional de paz, ligada à manutenção da ordem e da tranquilidade, e insere a possibilidade da paz no campo da ação e do diálogo. É operando a palavra que nos tornamos sujeitos e, como tais, capazes de ler e escrever a história. Ao dizer a sua palavra, o sujeito cria/recria o mundo e, ao fazê-lo, cria/recria a si mesmo, num processo contínuo e infundável de autoconstrução e desconstrução. É nesse processo que acontece a emancipação. Freire nos ensina que o construir-se, o biografar-se, o existenciar-se só é possível através da autonomia e de uma relação ética com o outro. A paz não é construção individual ou isolada, mas tarefa coletiva e comunitária.

**Palavras-chave:** Paz. Educação para a paz. Paulo Freire.

### ABSTRACT

This article seeks to emphasize the importance and relevance of Paulo Freire as a fundamental reference for the construction of an education for a culture of peace. In defending the education based on awareness, collaboration, and participation in social and political responsibility of those involved, Paulo Freire denies the traditional view of peace linked to maintenance of order and tranquility, and inserts the possibility of peace in the field of action and dialogue. It is by operating the speech that we become subjects and, as such, able to read and write the story. Through his word, the subject creates / recreates the world, and, in doing so, creates / recreates himself in a continuous process of unending self-construction and deconstruction. It is through the use of the speech, the dialogue that happens emancipation. Freire teaches us that the one's building, biography and existence is possible only through autonomy and an ethical relationship with the other. Peace is not built individually or isolated, but a collective and communal task.

**Keywords:** Peace. Peace education. Paulo Freire.

<sup>1</sup> Filósofo, psicólogo. Mestre em Educação pela UNISINOS – marcioacpoa@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre – karinequadros@yahoo.com

## 1 INTRODUÇÃO

Apesar de no Brasil a Educação para a Paz e as discussões em torno de uma cultura de paz serem conteúdos relativamente novos e poucas pesquisas sobre esse assunto tenham sido produzidas, encontramos aqui um dos mais importantes referenciais contemporâneos sobre essa temática: Paulo Freire.

Como sabemos, Freire, nascido no Brasil em 1921, fez grandes contribuições teóricas que impactaram fortemente a educação e, de modo especial, a educação popular. Freire propôs uma educação popular baseada na conscientização, na colaboração, na participação e na responsabilidade social e política dos sujeitos envolvidos. Freire (1996) insere a educação no âmbito ético e político, retirando sua suposta “neutralidade” perante a História. Assim, educar é conscientizar para que o sujeito assuma seu papel na mudança social. Educar é ajudar o educando a dizer sua palavra, colocar-se como protagonista do mundo e da história. Retirando o sujeito da inércia, da passividade, Freire afirma peremptoriamente que educar é empoderar as pessoas, emancipando-as.

[...] o mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas sou sujeito igualmente, no mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (FREIRE, 1986, p. 76-77)

## 2 A EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DA PALAVRA

Paulo Freire, na Pedagogia do Oprimido (1986) e na Pedagogia da Esperança (1992), mostra-nos o grande poder da palavra. É operando a palavra que nos tornamos sujeitos e, como tais, capazes de ler e escrever a história. Ao dizer a sua palavra, o sujeito cria/recria o mundo e, ao fazê-lo, cria/recria a si mesmo, num processo contínuo e infundável de autoconstrução e desconstrução. É nesse processo que acontece a emancipação. Freire nos ensina que o construir-se, o biografar-se, o existenciar-se só é possível através da autonomia e de uma relação

ética com o outro. Ao falar sobre libertação, ele afirma: ou ela é um processo coletivo, ou não será verdadeiramente autêntica. O diálogo só é possível entre iguais.

Talvez por isso, Freire alicerce a possibilidade do diálogo autêntico na premissa da existência de um horizonte ético, que trate o outro em sua alteridade, não coisificando-o, como faz a maior parte do discurso escolar:

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros ‘isto’, em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são ‘essa gente’, ou são ‘nativos inferiores’? Como posso dialogar se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sina de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? A autossuficiência é incompatível com o diálogo. (FREIRE, 1986, p. 80)

Paulo Freire afirma que nossa humanidade se constrói pela palavra. Ele coloca homens e mulheres como protagonistas na construção de suas próprias histórias. Sujeitos autores, capazes de dizer o seu mundo e, dizendo-o, reconstruí-lo. Ele, de modo exímio, nos apresenta a principal ferramenta dessa construção: o diálogo. É pela educação dialógica que o sujeito se empodera ao dizer a sua palavra. Lembramos que a palavra aqui é entendida como ação. Ação que humaniza, que problematiza, que reflete, que cria e recria o mundo e a si mesmo.

A emancipação, ou humanização, como conceitua Freire (1986), não acontece na consciência, mas no diálogo. É no diálogo, no encontro entre iguais que se problematiza o mundo, que a consciência se constrói.

O diálogo é a essência da emancipação humana, é sempre uma relação de iguais mediatizados pelo mundo. Mas, se dizer

a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. (FREIRE, 1986, p.78)

Outra colaboração importante deixada por Freire é sua forte e contundente crítica à educação bancária, que silencia e, assim, anula o educando. Para o autor, a educação bancária está a serviço da opressão, da cultura do silêncio.

Na concepção 'bancária' que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da 'cultura do silêncio', a 'educação bancária' mantém e estimula a contradição. (FREIRE, 1986, p.59)

Ao ser a única a proferir o discurso, a escola retira do educando a sua palavra. Ao fazer isso, o discurso escolar torna-se a palavra oficial e acaba por inculcar no educando uma visão de mundo, de sociedade e de homem. É o relato de uma história única repetida inúmeras vezes. Para aqueles que não acatam os discursos escolares, uma única opção: a exclusão como não apto, como incapaz, sem 'formação'. Para "ser alguém na vida", nossos educandos silenciam, acatam, aceitam. Essa é a postura da anulação. "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (FREIRE, 1986, p. 78). Quebrar o silêncio é se firmar e afirmar diante do mundo e da história.

[...] o tempo sem limites de que precisava para amainar a necessidade de dizer a sua palavra. Era como se, de repente, rompendo com a 'cultura do silêncio', descobrissem que não apenas podiam falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, seu mundo, era uma forma de refazê-lo. (FREIRE, 1992, p. 40)

Dizer sua palavra não é, na teoria freiriana, um ato isolado ou individual, mas um processo coletivo que exige o reconhecimento do outro. Não existe diálogo na solidão ou no individualismo.

Não existe diálogo sem um outrem que também seja apto para o diálogo. É um processo que se dá no reconhecimento das diferenças, da alteridade. Inclusive entre educadores e educandos.

O diálogo não nivela, não reduz um ao outro. [...] implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua.

Não há diálogo, no espontaneísmo, como no todo-poderosismo do professor ou da professora. A relação dialógica, porém, não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender [...]. (FREIRE, 1992, p. 118)

Em Educação para a Paz, o pressuposto da dialogicidade é fundamental, assim como a consciência do inacabamento e, com isso, a história aberta para construção, argumentos presentes na teoria freiriana.

Nessa aproximação, encontramos aspectos muito especiais da história de Paulo Freire que reforçam a relevância dele como um Educador para a Paz, assim como afirma Ana Maria Freire.

Não foi por acaso, nem por motivos outros, que Paulo foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz, em 1993. Foi por esta sua postura de coerência impregnada de generosidade, mansidão e respeito diante das diferenças étnicas, religiosas, políticas; por sua tolerância autêntica diante das diversidades de posturas e leituras de mundos culturais dos homens e mulheres no mundo; por seu comportamento de cuidado ético com as vidas; por sua luta incessante pela Paz através da sua compreensão de educação para a autonomia e libertação (FREIRE, 2006, p. 388).

A pedagogia freireana traz aspectos necessários entre utopia e possibilidades concretas, na medida em que coloca homens e mulheres como protagonistas na construção de suas próprias histórias e, assim, da história coletiva. Isso nos faz acreditar que uma Cultura de Paz e, ainda, uma Educação para a Paz sejam questões viáveis de construção no cotidiano e nos processos educacionais. Como afirma Ana Maria Freire:

[...] para Paulo a Paz não é um dado dado, um fato intrinsecamente humano comum a todos os povos, de quaisquer culturas. Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na 'Cultura da Paz', que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade (FREIRE 2006, p. 391).

Freire leva-nos a compreender que a paz não é uma condição natural, assim como não é a violência, ambas são processuais e construídas. Sendo assim, parece aceitável que se explicita um corpo de conhecimento que pense a paz, na educação e na formação de professores, como um conjunto de saberes, práticas e experiências passíveis de reflexão, análise e sistematização. Saberes e práticas que nos auxiliam a desvelar o mundo.

Não foi por acaso que Paulo Freire ganhou, em 1986, o prêmio da UNESCO de Educador para a Paz. No seu discurso de agradecimento, deixou-nos a síntese do que ele entende por educar para a paz:

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo, que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenda a miopizar as suas vítimas (FREIRE, 2006, p. 388).

Essa afirmação de Paulo Freire nos ajuda a perceber que um trabalho na área da construção de uma cultura de paz não deve se limitar a abordagens reducionistas de qualquer ordem, seja ao considerar a discussão sobre valores como ingênuas, ou ao se normatizar excessivamente a discussão em temas fechados como olhar apenas estatisticamente para violência, *bullying*, agressões, incivildades, ou qualquer outra problemática, sem considerar contextos sociais e culturais.

### 3 O CONCEITO DE PAZ EM PAULO FREIRE

Ao enquadrar a possibilidade da paz no âmbito político e relacional, Freire quebra a

visão tradicional de paz e consolida uma nossa perspectiva para essa temática. Os teóricos e estudiosos da educação para a paz chamam essa perspectiva de paz positiva.

Xesús Jares (2002) classifica como paz tradicional toda abordagem que restringe o conceito de paz a um estado de harmonia, de serenidade ou de ausência do conflito. Segundo o autor, tal concepção empobrece o conceito de paz, pois restringe seu sentido a uma passividade, sem dinamismo próprio e "*criada antes como consequência de fatores externos a ela*" (Jares, 2002, p. 123). Além disso, tal concepção nega o conflito como fator inerente do convívio humano. Querer criar um ambiente sem conflitos acaba por delegar à Paz um sentido metafísico, quase que impossível de ser atingida, tarefa de anjos e querubins.

Segundo Guimarães (2005) e Jares (2002), essa visão do conceito de paz é a mais presente no senso comum, o que explica a dificuldade de entender a paz como algo mais concreto e possível de ser realizado. Como dedução do que foi dito, a negação e a passividade dessa acepção vão determinar uma dificuldade no momento de concretizar o que é a paz.

O conceito de paz positiva foi criado por Galtung no célebre editorial de abertura do primeiro volume da revista *Journal of Peace Research*, em 1964. A paz positiva é entendida de modo muito mais amplo que simples aversão ou ausência de guerras e violências diretas. Mais do que isso, a paz está ameaçada "*sempre que os seres humanos estão de tal forma influenciados que suas realizações afetivas, somáticas e mentais ficam abaixo de suas realizações potenciais*" (GAULTUNG, 1985 apud JARES, 2002, p. 127).

A abordagem tradicional de paz, ou paz negativa, ao negar a violência estrutural, acaba servindo como paliativo, pois atua apenas na superfície dos problemas, não desenvolvimento uma reflexão crítica e emancipadora sobre suas causas. Para Galtung, a violência estrutural

[...] está edificada dentro da estrutura e se manifesta como um poder desigual e, consequentemente, como oportunidades de vida distintas. Os recursos são distribuídos de forma desigual, como ocorre quando a distribuição de renda é muito distorcida ou quando a alfabetização/

educação é distribuída de forma desigual, ou quando os serviços médicos existentes em determinada zonas são apenas para certos grupos, etc. Acima de tudo, quando o poder de decisão acerca da distribuição dos recursos está distribuído de forma desigual. (GALTUNG, 1985, p. 134)

Nesse sentido, a paz, no seu caráter positivo, assemelha-se à justiça social e que, portanto, parafraseando Galtung, chamar de paz uma situação em que imperam a pobreza, a repressão e a alienação é uma paródia do conceito de paz (GALTUNG, 1985). Freire referia-se a algo parecido ao afirmar que não acreditava em nenhuma educação para a paz que miopiza seus sujeitos encobrendo o mundo das injustiças e explorações.

Para Freire, a paz não é apenas a ausência de estruturas e relações não desejadas, mas é essencialmente a presença de condições e estruturas desejadas, tais como democracia, justiça, direitos humanos, diálogo e, por isso, para haver paz, precisamos lutar por ela.

Segundo Alicia Cabezudo e Magnus Haavelsruf (PELIZZOLI, 2010), é possível considerar a paz como estrutura e como processo. Uma estrutura de paz é aquela em que há institucionalizados valores de paz, isto é, ausência de violências e presença de justiça social, participação e diversidade. Ao mesmo tempo, a paz é processo, no sentido de que é sempre um projeto que precisa estar em constante atualização e recombinação. Dessa forma é que o diálogo assume lugar fundamental como possibilidade de relação entre os sujeitos envolvidos, como afirma Paulo Freire (1986).

A paz nega radicalmente as violências, não os conflitos que fazem parte da vida humana (JARES, 2002; GUIMARÃES, 2005). Sendo assim, é no diálogo que a paz se constrói. Aqui percebemos a riqueza de possibilidades ainda tão pouco exploradas que a teoria freireana tem a contribuir na construção de uma educação para a cultura de paz.

Freire afirma a necessidade de compreendermos a Paz a partir de uma perspectiva crítica e relacional. Não estamos falando de paz como sistema harmonioso em que os indivíduos se “ajustam” à ordem estabelecida, ou, pior ainda, lugares onde não existam conflitos, tensões de nenhuma ordem, onde todos vivam passivamente e uma inércia

infértil, uma “pazmacera”. Pelo contrário, a paz é entendida, dentro da teoria freiriana, como forma de convivência respeitosa entre os diferentes que optam por usar o diálogo como forma de se emanciparem e, empoderados, portadores da palavra que não apenas descreve mundo, mas o cria e recria, estão aptos a, como iguais, de resolverem seus conflitos.

Portanto, educar para a paz é educar para a luta contra todas as formas de injustiças e aviltamentos. É uma paz que quebra o silêncio infértil, que dança dialeticamente entre a ordem e o caos em busca de novas estruturas mais justas e iguais, em que imperam os valores de uma nova cultura, a cultura da paz.

Além disso, falar em educação para a Paz é falar de uma educação para vivência plena da cidadania, aqui incluída a luta contra todas as formas de desrespeito a direitos fundamentais de mulheres e homens. Nessa perspectiva, a própria paz é promotora de conflitos e desordens. Paz, para Paulo Freire, é empoderamento e só pode ser percebida no campo das relações sociais. Educar para Paz é educar para a vivência de um conjunto de valores que incluem justiça, respeito, diálogo, solidariedade, fraternidade, entre outros.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n. 2, p. 387-393, mai./ago. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALTUNG, Johan. **Twenty-Five Years of Peace Research: Ten Challenges and Some Responses**. *Journal of Peace Research* 22(2):141–158, 1985.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2005.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um novo mundo é possível.** Porto Alegre, RS: Sinodal, 2004.

JARES, Xesús R. **Educação para a paz:** sua teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os construtores da paz:** caminhos de prevenção da violência. São Paulo: Moderna, 1997.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. (Org.). **Cultura de Paz:** restauração e direitos. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.